

## CONFORME O DISPOSTO NA FICHA DE INSCRIÇÃO, EXPLÍCITE:

- a) Área de inscrição: Ciências Sociais
- b) Modalidade de pesquisa: História Oral
- c) Trabalho a ser apresentado de acordo com:
  - Área (escreva a área): Ciências Sociais
  - Tema/modalidade de pesquisa (escreva qual): Mulher empreendedora e gênero

## HISTÓRIA DE MULHERES EMPREENDEDORAS NA CIDADE DE FOZ DO IGUAÇU/PR: UMA ÓTICA SOB O PÓS-FEMINISMO

**Adriana de Oliveira Vasconcellos Dandolini**

*Instituição UNIOESTE – Campus de Foz do Iguaçu  
E-mails: adv.adriana.vasconcellos@gmail.com*

### Resumo

A presente pesquisa se centrou na possibilidade das mulheres empreendedoras se tratarem de “pós-mulheres”, por meio de suas histórias de vida. O objetivo principal se trata da identificação e compreensão do “pós-feminismo” nas vidas das mulheres selecionadas para a pesquisa, por meio de suas histórias de vida, com análise do “pós-feminismo”, a partir de Alain Touraine (2011) e Gilles Lipovetsky (2000). A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, com entrevistas em profundidade, por meio de relatório, para compreender as histórias de vida das mulheres empreendedoras da cidade de Foz do Iguaçu/PR. A coleta de dados ocorreu com um grupo amostral composto por 4 (quatro) mulheres empreendedoras que tem seu próprio negócio e desenvolvem suas atividades na cidade de Foz do Iguaçu/PR, no período de novembro a dezembro de 2017.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo; Mulheres; Gênero.

### Abstract

The present research focused on the hypothesis of entrepreneurial women being "post-women", through their life histories. The main objective was to identify and understand "post-feminism" in the lives of women selected for research, through their life histories, with an analysis of "post-feminism", from Alain Touraine (2011) and Gilles Lipovetsky (2000). The methodology used was qualitative research, with in-depth interviews, through a report, to understand the life stories of women entrepreneurs of the city of Foz do Iguaçu / PR. Data collection was carried out with a sample group composed of 4 (four) women entrepreneurs who have their own business and develop their activities in the city of Foz do Iguaçu / PR, from November to December 2017.

**Key-words:** Entrepreneurship; Women; Gender..

### Introdução

As mulheres contemporâneas estão conquistando cada vez mais espaços na área empreendedora. No decorrer dos últimos 15 (quinze) anos entraram no mercado de trabalho

brasileiro mais de 12 (doze) milhões de mulheres. Nos dias atuais, mais de 30 (trinta) milhões de mulheres trabalham fora de casa (SILVA, 2005).

Estima-se que as micro e pequenas empresas brasileiras representem 3 (três) milhões de estabelecimentos, gerando 42% (quarenta e dois por cento) dos empregos. No estado do Paraná, em 1993, 20% (vinte por cento) das micro e pequenas empresas eram dirigidas por mulheres (MACHADO, 2002). Atualmente, das 500 (quinhentas) mil micros e pequenas empresas em funcionamento, 30% (trinta por cento) delas está sendo gerida por mulheres (SEBRAE/PR, 2017).

Assim, referidos números revelam o aumento de iniciativas empreendedoras por parte de mulheres no Brasil. Entre os anos de 2002 e 2015, a proporção de empreendedores por oportunidade foi menor entre as mulheres, do que nos homens (SEBRAE, 2016). Atualmente, de acordo com pesquisa realizada pelo Global Entrepreneurship Monitor (GEM, 2015), as mulheres representam 49% (quarenta e nove por cento) dos empreendedores iniciais.

As relações de gênero na contemporaneidade têm fomentado diversos debates e muitas pesquisas sobre as desigualdades ainda existentes quanto a diferenças salariais, ocupação em cargos de chefia, falta de representatividade nos parlamentos, dentre outras questões que ainda se fazem presentes na realidade vivida pelas mulheres brasileiras, principalmente no mercado de trabalho (ALPERSTEDT, FERREIRA, SERAFIM, 2013; BRUSCHINI, PUPPIN, 2004; JONATHAN, 2003).

A atual crise econômica e a situação de desemprego levaram muitas mulheres a buscar novas maneiras de conseguir renda para seu sustento e o sustento de suas famílias, surgindo assim, a oportunidade de empreender.

A partir desta atividade empreendedora as mulheres têm alcançado o fortalecimento de suas carreiras profissionais, transformando-se em protagonistas de suas próprias histórias. Essa característica pode estar intimamente atrelada ao conceito de “pós-mulher”, que no presente artigo será analisado a partir de Gilles Lipovetsky (2000) e Alain Touraine (2011), que definem as mulheres contemporâneas como atrizes de suas próprias histórias, livres e desvinculadas de imposições externas.

O objetivo geral foi identificar e analisar a atividade empreendedora na vida das mulheres empreendedoras pesquisadas e verificar se as mesmas se tratam de “pós-mulheres”.

A metodologia escolhida para a viabilização da investigação foi a pesquisa qualitativa, por meio das histórias de vida de mulheres empreendedoras que desenvolvem suas atividades na cidade de Foz do Iguaçu/PR, com entrevista semi-estruturada, por meio de roteiro, em uma abordagem interpretativista. A coleta de dados ocorreu com um grupo amostral composto por 4 (quatro) mulheres empreendedoras que tem seu próprio negócio e desenvolvem suas atividades na cidade de Foz do Iguaçu/PR.

O ponto em comum entre todas as participantes é que todas são empresárias e atuam profissionalmente na cidade de Foz do Iguaçu/PR, estando em plena atividade empresarial, sendo que todas se consideram mulheres de sucesso. Essas mulheres possuem orientação heterossexual, pertencem ao círculo de relacionamento pessoal da pesquisadora e tiveram seus nomes citados, aleatoriamente, por diversas pessoas que souberam da referida pesquisa com mulheres de sucesso e tem referência dessas participantes em suas atividades. As identidades destas mulheres, bem como o nome de suas empresas, não foram divulgadas, e foram criados nomes fictícios para designá-las de modo anônimo, são elas: Vilma, Diana, Jane e Vera.

Também não foram reveladas mais informações relativas às mulheres participantes (classe social, renda, etc), uma vez que seus relatos e dados aqui contidos são suficientes para a elucidação do objetivo principal: identificar e compreender o “pós-feminismo” na vida das participantes. Como procedimento para a coleta de dados, para contar as experiências vividas pelas mulheres empreendedoras, utilizou-se a entrevista semi-estruturada como técnica.

A aplicação de entrevistas, segundo Creswell (2010) é favorável quando os indivíduos não podem ser diretamente observados; assim podem informar dados históricos ao pesquisador para coordenar a linha do questionamento, bem como redirecionar quando houver necessidade.

No presente caso, a pertinência em utilizar essa técnica para a compreensão da realidade das mulheres empreendedoras encontra-se justamente no propósito de se buscar conhecer as experiências profissionais e pessoais vivenciadas por elas, bem como o universo simbólico envolto à questão de estudo (TANURE, 2014).

A entrevista semi-estruturada foi escolhida como técnica por permitir uma coleta de informações de forma mais livre, sem vincular as respostas a um padrão de alternativas, favorecendo, assim, a descrição dos fenômenos sociais e sua explicação e compreensão na sua totalidade (MANZINI, 2003). Desse modo, a elaboração do roteiro além de servir como

ferramenta de coleta de informações também se transforma em ferramenta de interação com o participante.

Por meio dos relatos obtidos, fez-se uma análise entre semelhanças no comportamento das mulheres empreendedoras selecionadas com características percebidas nas “pós-mulheres”, a partir de Gilles Lipovetsky (2000) e Alain Touraine (2011), que podem indicar que as empreendedoras vivenciam a liberdade e o “pós-feminismo” em suas vidas pessoais e profissionais na atualidade.

### **1.1 Pós-mulheres**

Alain Touraine (2011) apresenta uma teoria sobre o “novo feminismo”, que surgiu no contexto europeu como força não social, onde as mulheres constroem um novo modelo de sociedade, a partir da construção de si mesmas. Em seu estudo, ele revela a condição das mulheres que vivem no “pós-feminismo”, que são mulheres que agem nas relações de gênero atuais como atrizes sociais, vislumbrando-se como sujeitos de suas próprias existências (2011, p. 10).

O autor defende que as mulheres de hoje têm consciência de que são atrizes de sua própria história, não se considerando mais objeto de significações externas:

Eu afirmei: a análise das condutas das mulheres começa com o reconhecimento do fato de que o gênero é uma criação do poder do macho, direta e indiretamente, e que esta noção de gênero, que foi útil na luta contra o essencialismo e o naturalismo, deve ser criticada. É sobre as ruínas dessa noção, tão ativamente destruída pelas feministas radicais e particularmente pelo grupo queer, que vão se formando os pensamentos que podem caminhar em sentidos muito diferentes, mas que sempre têm em comum um ponto de partida crítico ao qual ninguém saberia renunciar. Buscando mostrar que as mulheres se afirmam como tais, se dão por objetivo principal a construção de si mesmas enquanto sujeitos livres e pensam que é através da sexualidade que se realiza este esforço de construção – com ou sem sucesso -, eu escolhi aqui o mesmo ponto de partida daquelas que decidiram derrubar a dominação exclusiva do modelo heterossexual pela dominação masculina e que negaram o lugar central concedido tradicionalmente à dupla homem/mulher, substituindo-o por uma pluralidade de formas mutáveis e parciais de sexualidade. (TOURAINÉ, 2011, p. 23-24)

Sobre a mulher “pós-feminista”, Touraine defende que “não são apenas vítimas, mas atrizes que consolidam suas funções com uma vitalidade raramente encontrável em outras categorias sociais” (2011, p. 190). Também afirma que hoje as mulheres têm mais capacidade

de se comportar como sujeitos do que os homens, tendo em vista que assumem as responsabilidades sobre seus corpos e sexualidades.

Ressalta-se aqui que essas características se aproximam muito das características trazidas na figura da mulher empreendedora contemporânea, uma vez que as mesmas são donas do próprio negócio, assumem riscos e são atrizes de suas próprias histórias, construindo seu patrimônio econômico por suas próprias contas e riscos, como será exposto no decorrer desta pesquisa.

Neste mesmo sentido, Gilles Lipovetsky (2000) em sua obra “A terceira mulher: permanência e a revolução do feminino”, assim como Touraine (2011), também estuda o comportamento da mulher na sociedade ocidental contemporânea. O autor indaga sobre o novo “lugar” das mulheres e a nova figura social do feminino tendo em vista a revolução social rápida provocada pela emancipação feminina no século XX, numa “interpretação social, circunscrita, do enigma da dicotomia moderna dos gêneros e de seu destino” (2000, p. 14).

Lipovetsky traz a noção de “terceira mulher” onde a exclusividade das tarefas domésticas e funções de mãe são recusadas pelas mesmas, caracterizando uma condição feminina pós-moderna (2000, p. 220). Essas mulheres lutam contra o regime patriarcal, mas não contra os homens em si (ALVES, 2014, p. 114). Aqui se inserem as mulheres do presente estudo: as mulheres empreendedoras contemporâneas.

O autor afirma que a terceira mulher é o novo modelo histórico dos poderes exercidos pelas mulheres na sociedade:

[...] O que equivale a dizer que a pós-mulher no lar significa muito mais que uma nova fase na história da vida doméstica e econômica das mulheres. O que se manifesta concretiza, mais profundamente, uma ruptura histórica na maneira pela qual é construída a identidade feminina, bem como as relações entre os sexos. Nossa época iniciou uma transformação sem precedente no modo de socialização e de individualização do feminino, uma generalização do princípio de livre governo de si, uma nova economia dos poderes femininos: é esse novo modelo histórico que chamamos de terceira mulher. (LIPOVETSKY, 2000, p. 231)

Portanto, o conceito trazido por Lipovetsky acerca da identidade da “terceira mulher” e o seu posicionamento dentro da sociedade, inclusive suas as aspirações de desejos próprios acaba por conduzir a discussão aqui trazida para uma questão: seriam as “terceiras mulheres” de Lipovetsky, incontestavelmente, as mulheres empreendedoras objeto do presente estudo?

Alves (2014, p. 97) esclarece que a pós-mulher não está mais submetida à dominação masculina, como defendiam Pierre Bourdieu e Heleieth Saffioti em seus tempos. Para o autor, a pós-mulher transforma a realidade social atual, onde a figura da mulher submissa entra em declínio para dar espaço à mulher dona de si, liberada, que possui suas próprias convicções.

O autor enfatiza que as pós-mulheres possuem aspirações femininas diversas das lutas dos movimentos feministas anteriores, sendo que mesmo que não estejam agindo de forma combativa (“queimando sutiãs”) “com seu movimento têm questionado a ordem cultural e, por que não dizer, a própria organização da sociedade.” (ALVES, 2014, p. 99). O autor inverte a perspectiva de análise do comportamento da mulher como “vítima” para trazê-la como atriz de sua própria história.

Em sintonia com o pensamento de Alain Touraine (2011), Alves (2014) utiliza o termo “pós-mulher” para auxiliar na compreensão da transição cultural onde as mulheres contemporâneas, pertencentes à geração “pós-feminista”, vivenciam novas formas do feminino.

## 1.2 Mulheres empreendedoras

A partir dos conceitos trazidos nas bibliografias selecionadas anteriormente, retoma-se a hipótese da pesquisa: seriam as mulheres empreendedoras, objeto do presente estudo, “pós-mulheres”?

Inicialmente, é interessante verificar qual a identidade da mulher empreendedora, mais precisamente da mulher empreendedora brasileira, para uma aproximação maior acerca das mulheres objeto do presente estudo.

Machado (2002) investigou a identidade da mulher empreendedora paranaense, sendo que chegou à conclusão de que as mesmas são: autoconfiantes; orgulhosas; sentem culpa pelo sucesso; tem papéis múltiplos em suas vidas. Ainda, a autora verificou que existe uma busca constante do equilíbrio entre trabalho e família e que o conceito de “sucesso”, para estas mulheres, está ligado ao seu bem estar social.

Dessa forma, como já apresentado anteriormente, tendo em vista que a pós-mulher consiste em um ser que vivencia novas formas do “feminino”, que não se percebe vítima, mas sim protagonista da própria história, primando pela liberdade e autonomia, tendo interesse em

combater o patriarcado, mas não os homens, as mulheres empreendedoras se enquadram, em sua maioria, perfeitamente nesse contexto, uma vez que primam por sua autonomia e liberdade, e muitas delas até mesmo possuem figuras masculinas como referências de sucesso, como visto no estudo de Machado (2002) sobre a identidade da mulher empreendedora paranaense.

Assim, o empreendedorismo favorece essa expansão e libertação feminina uma vez que a atividade empreendedora necessita de características para seu desenvolvimento que são percebidas na “pós-mulher”, como será apresentado no tópico seguinte, a partir dos relatos das mulheres empreendedoras selecionadas para a pesquisa.

### 1.3 Elas são “pós-mulheres”

No decorrer das entrevistas realizadas com as mulheres empreendedoras participantes foi possível perceber em seus relatos o quanto as mesmas vivenciam o “pós-feminismo” em suas carreiras empresariais e suas vidas, tendo em vista as inúmeras características que elas se atribuíram e que está em sintonia com os fundamentos vividos pela “pós-mulher”: elas são liberadas, independentes, “donas de si” (ALVES, 2014), “sujeitos” de suas próprias existências (TOURAINÉ, 2011) e suas carreiras de empresárias as realizam em sua própria existência, como um meio de autoafirmação (LIPOVETSKY, 2000).

Quando indagadas dos motivos que as levaram a optar pela carreira de empresária ou porque são empreendedoras, elas relatam ser uma “característica” própria ou que “já está no sangue”. Vilma afirmou que o início da sua carreira ocorreu desde pequena, enquanto ajudava seus pais no comércio, e por isso seria uma condição que já está “no sangue”, inerente a sua própria personalidade:

Eu acho que, assim, já tá no sangue né? Porque desde que eu nasci, meus pais sempre tiveram no comércio e eu lembro que desde pequena eu já gostava de ficar atrás de balcão atendendo e tal, acho que isso é uma coisa que eu sempre gostei. (Vilma, grifo nosso)

A noção de “empreendedorismo no sangue” também é trazida pela participante Jane que afirmou que o início da sua carreira começou também na sua infância, “desde que se

conhece por gente”, quando sua mãe pedia que a mesma vendesse uma cesta de verduras de porta em porta, estabelecendo metas para ela:

Bom, eu tenho 52 anos desde que eu comecei a empreender, eu falo que é desde que eu me conheço por gente porque com 7 anos a gente já vendia cebolinha, salsinha essas coisas, que a minha mãe fazia os macinhos, pedaços de sabão e ia vender e ela falava, tinha que vender e tinha que sair com aquela cesta e só voltar pra casa quando aquela cesta estava vazia. Então, às vezes a gente até tinha medo de chegar em casa com a cesta vazia, tinha que vender! Então, inconscientemente a gente tinha meta, eu não sabia que era uma meta né? Mas hoje vejo, por isso que eu amo meta e sou fissurada em meta. (Jane, grifo nosso)

Vera iniciou sua carreira de empreendedora juntamente com seu marido, onde ambos superaram junto o desafio de abrir uma empresa, mas, do mesmo modo que as demais participantes, Vera afirma que o empreendedorismo é uma característica inerente à sua personalidade:

No meu caso, eu acredito que é uma característica minha mesmo né? É que hoje, mesmo se eu tivesse ficado na condição que eu vou citar a seguir, eu provavelmente não seria realmente alguém de carteira assinada. (Vera, grifo nosso)

Diana já não relatou ser empreendedora como uma “característica” como as demais participantes, mas como uma oportunidade que encontrou para abrir seu próprio negócio. Entretanto, mesmo que Diana não tenha dito que o “empreendedorismo” é uma característica inerente a sua própria personalidade, como ocorreu com Vilma, Jane e Vera, nota-se que Diana também tem essa característica do empreendedorismo inerente a si mesma, uma vez que aceitou um convite para mudar de estado ainda muito jovem, motivada apenas pelo desafio de mudar de vida.

Essa característica relatada pelas empreendedoras participantes como inerente “ao sangue” ou “características suas” pode ser comparada a característica percebida nas também nas “pós-mulheres” que são protagonistas da própria história e tomam as rédeas do próprio destino.

Ao afirmarem que a característica “empreendedora” é algo inerente a suas próprias identidades, elas afirmam que o fato de serem empresárias já se manifestava muito antes de efetivamente abrirem suas empresas, pois percebiam nelas mesmas uma capacidade de

iniciativa, modo de lidar com as demais pessoas e criatividade que as destacava no meio social que viviam.

Essas mulheres empreendedoras entrevistadas se atribuíram uma identidade positiva, afirmando-se como mulheres e protagonistas da sua história e não como vítimas, uma vez que elas são “criadoras” dos próprios destinos e responsáveis pela própria história e caminho percorridos:

Eu acho que aqui ó: você cria o seu mundo, sabe? Igual te falei que a gente faz a história da gente, a gente que realiza! A primeira vez que eu fui pros Estados Unidos que tem a minha amiga que sabe de toda a minha história, sério, me arrepiei, quando eu cheguei ela falou assim: “Não tem pessoa no mundo que eu admiro mais do que você!” Aí eu falei: “Você é louca? Que você está falando?” E ela disse: “Tudo que você faz se realiza, se concretiza. Você falou eu vou fazer tal coisa, você acontece!”, mas é o poder da palavra, do pensamento [...] porque é o pensamento, é o que você fala, é a tua atitude, é o que a gente é. (Diana, grifo nosso)

Estas empreendedoras têm a noção de que apenas a atitude que elas tomam pode mudar sua condição pessoal, sendo diretamente responsáveis por tornarem-se empreendedoras de sucesso, atingindo suas metas pessoais, construindo sua própria condição profissional. Neste sentido, a construção de si mesmas e de seu próprio destino são características encontradas na “pós-mulher” (LIPOVETSKY, 2000).

Assim, as empreendedoras participantes trazem a noção do “pós-feminismo” ao passo que suas atitudes provocam “profunda transformação social, em que se destaca sobretudo a ruptura com os padrões patriarcais machistas e conservadores da sociedade brasileira” (GOLDENBERG e TOSCANO, 1992, p. 16).

Touraine (2011) busca a compreensão da mulher que vivencia seu papel no “pós-feminismo” e inverte a lógica de dominação e passa a ser criadora e consciente dela mesma, surtindo efeitos no meio social (p. 182).

Essas mulheres “pós-feministas” relataram constantemente a construção de suas vidas com liberdade, sendo que a “emancipação aos moldes ocidentais é a maior força colocada a serviço da mulher na qualidade de sujeito em formação” (TOURAINÉ, 2011, p. 182), fator este também encontrado nos discursos das empreendedoras, que possuem consciência das próprias responsabilidades e constroem a si mesmas como protagonistas de sua história:

Empreender não é só aquela habilidade de empreendedora. É como se fosse uma roda com vários aros e cada aro desse tem uma responsabilidade, é assim que eu vejo: quando um deles está meio tortinho você tem que arrumar.  
(Jane)

Neste sentido, Kassai (1996) destaca as características mais presentes em pesquisas que examinam o perfil dos empreendedores, sendo que entre elas se destacam: a necessidade de autorrealização; necessidade de desenvolver sua criatividade; autoconfiança; dedicação; busca de conhecimento; iniciativa; independência e disposição para assumir riscos. Essas características permeiam a identidade das mulheres empreendedoras participantes da pesquisa do mesmo modo que permeiam as identidades das mulheres que vivenciam o “pós-feminismo”.

Assim, a forma como as mulheres empreendedoras participantes vivenciam sua liberdade, autonomia e independência a partir de suas profissões exemplifica a “pós-mulher”, comprovando que as mesmas vivenciam seus papéis de gênero nesta condição: na condição de “pós-mulher” (ALVES, 2014, p. 109).

Como observado por Touraine (2011), as mulheres que vivenciam o “pós-feminismo” não são vítimas, mas atrizes que consolidam suas funções com uma vitalidade raramente encontrável em outras categorias sociais, sendo que as mesmas, atualmente, tem mais capacidade se comportar como “sujeitos” do que os homens.

A “pós-mulher” tem como objetivo a proclamação da liberdade e se enxerga como criadora e libertadora dela mesma, sendo que essa liberdade também está presente no discurso das mulheres empreendedoras atuais. Ela transforma seu destino e faz da atividade empreendedora uma ferramenta de libertação.

Estas empreendedoras se negam ao papel exclusivo de “mãe” ou “esposa”, pois possuem no seu trabalho um meio de realização pessoal, consoante já observado por Lipovetsky (2000), sendo esta uma característica da mulher “pós-moderna”.

Portanto, em razão das inúmeras características que compõem a essências das mulheres empreendedoras participantes, percebidas por meio de suas entrevistas, e das características que compõem a “pós-mulher” (ALVES, 2014; LIPOVETSKY, 2000) se chega a uma conclusão: elas são, de fato, “pós-mulheres” e vivenciam o “pós-feminismo” em suas vidas profissionais e pessoais.

## Considerações Finais

Pelos relatos obtidos com as entrevistas realizadas, foi possível analisar que as empreendedoras participantes se tratam das “pós-mulheres” descritas por Lipovetsky (2000), Alves (2014) e Touraine (2011) e, entre suas características pessoais, a que mais se destaca é a construção individual e o fato de serem donas de si.

Tal como a suposição inicial da pesquisa, foi possível perceber que estas mulheres fazem da atividade empreendedora um meio de exercer sua própria liberdade, sendo que o cenário do “empreendedorismo” lhes parece muito favorável para a expansão de suas carreiras e ambições pessoais de vida, se transformando em uma única figura: a mulher e a empreendedora se tratam da mesma pessoa.

Tanto em suas casas, quanto em suas empresas, seus objetivos pessoais e as motivações que as mantêm no caminho do sucesso podem ser percebidas da mesma maneira, pois elas conduzem suas vidas pessoais e suas carreiras em plena sintonia. Não significa que elas não enfrentem desafios: elas encaram seus problemas de frente e buscam soluções para superá-los. Seguem seus caminhos, fazendo dos seus obstáculos uma fonte de aprendizado.

São mulheres que estão mudando comportamentos, rompendo “tabus” e mudando o mundo do “empreendedorismo”: são mulheres que inspiram!

Remetendo-se, assim, às questões que originaram a presente investigação, pode-se verificar que, dentro do escopo de um estudo qualitativo, estas foram respondidas.

Uma das limitações desta pesquisa refere-se ao fato de que foram ouvidas apenas mulheres empreendedoras da cidade de Foz do Iguaçu/PR. Deve-se levar em consideração que a cidade é fronteira e possui uma dinâmica diferente de outras cidades e este fato pode ter interferido nas análises. Faz-se necessário, portanto, que esse aspecto seja analisado em outras regiões do país. Outra sugestão de pesquisa seria a investigação científica com mulheres em outros segmentos do mercado de trabalho com a finalidade de verificar se também fazem de suas profissões uma ferramenta de libertação ou quais são os motivos que as levam a buscar espaço no mercado de trabalho em que atuam.

## REFERÊNCIAS



V Seminário Internacional  
de Pesquisa e Estudos Qualitativos

Foz do Iguaçu, 30 e 31 de Maio e 1 de Junho de 2018

Pesquisa Qualitativa na  
Educação e nas Ciências em Debate

Do SIPEQ a sócio da SE&PQ:  
torne-se um pesquisador em rede

- ALPERSTEDT, G. D; FERREIRA, J. B.; SERAFIM, M. C. Empreendedorismo feminino: dificuldades relatadas em histórias de vida. *Revista de Ciências da Administração*. v. 16, n. 40, p. 221234, dezembro, 2013.
- ALVES, F. L. *Pós-mulher: corpo, gênero e sedução*. Curitiba: Editora Champagnat, 2014.
- BRUSCHINI, C; PUPPIN, A. C. *Trabalho de mulheres executivas no Brasil no final do século XX*. Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 121, jan./abr. 2004. p. 105-138, jan./abr. 2004
- CRESWELL, J. W. Projeto de pesquisa – Métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- GEM - BRASIL. 2015. Global Entrepreneurship Monitor: Empreendedorismo no Brasil. Relatório Executivo 2015. Curitiba: IBQP.
- GOLDENBERG, M; TOSCANO, M. *A revolução das mulheres*. Rio de Janeiro: Revan, 1992.
- JONATHAN, E. G. *Empreendedorismo feminino no setor tecnológico brasileiro: dificuldades e tendências*. In: EGEPE – Encontro de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas. UEM/Uel/UnB, p. 41-53. Brasília, 2003.
- KASSAI, S. *As Empresas de Pequeno Porte e a Contabilidade*. São Paulo: 1996. Dissertação de Mestrado, FEA /USP. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cest/n15/n15a04> >. Acesso em: 15 mar. 2016.
- LIPOVETSKY, G. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MACHADO, H. V. *Identidade empreendedora de mulheres no Paraná*. Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, 2002.
- MANZINI, E. J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. 2003. Disponível em: < [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3145622/mod\\_resource/content/1/Entrevista%20semi%20estruturada%20estudo%20UNESP%20Mari%CC%81lia.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3145622/mod_resource/content/1/Entrevista%20semi%20estruturada%20estudo%20UNESP%20Mari%CC%81lia.pdf) > Acesso em 10 jan 2018.
- SEBRAE-PR, 2017. Disponível em: <<http://www.sebraepr.com.br/PortalSebrae/artigos/Pequenos-Neg%C3%B3cios-no-Paran%C3%A1>> Acesso em 09 maio 2017.

\_\_\_\_\_. 2016. *Análise dos resultados do GEM 2015 por gênero*: julho, 2016. Disponível em:  
<  
[http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS\\_CHRONUS/bds/bds.nsf/4ee07253fa008eb297c4585b988b0a43/\\$File/7216.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/4ee07253fa008eb297c4585b988b0a43/$File/7216.pdf)> Acesso em 20 set 2017.

SILVA, G. C. C. da et al . *A mulher e sua posição na sociedade*: da antiguidade aos dias atuais. Rev. SBPH, Rio de Janeiro , v. 8, n. 2, dez. 2005. Disponível em  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-08582005000200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582005000200006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 27 nov 2015.

TANURE, P. T. Empreendedorismo e família: quando flexibilizar horários se torna uma sobrecarga para as mulheres - 2014. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) – Escola de Administração de Empresas, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo. Disponível em:  
<<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/11560/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Final%20-%20%C3%BAltima.pdf?sequence=1>> Acesso em 27 abril 2017.

TOURAINÉ, A. *O mundo das mulheres*. 3ª Edição. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.